

O movimento da educação nova e a reinvenção da escola: Da afirmação de uma necessidade aos equívocos de um desejo

Trindade, Rui (2012). *O movimento da educação nova e a reinvenção da escola: Da afirmação de uma necessidade aos equívocos de um desejo*. Porto: U.Porto Editorial.

A obra de Rui Trindade, no seu título, indicia claramente o que constitui o seu foco: *O Movimento da Educação Nova e a Reinvenção da Escola*. Passando os olhos pelo índice, rapidamente percebemos que é possível, através da leitura do texto das quase 500 páginas que o autor nos oferece, compreender as origens do movimento da Escola Nova, conhecer o que este movimento propõe em termos da organização dos processos de ensino e de aprendizagem e, aspeto que reputo de muito interessante, o estatuto e papéis a assumir por professores e alunos na relação de mediação pedagógica.

Como é sabido, muitas vezes os estudos realizados por académicos têm como finalidade obter um conhecimento novo, inclusive para o próprio autor que, posteriormente, o divulga. Neste caso, o autor da obra, Rui Trindade, tem, como muitos de nós sabemos, a legitimidade para abordar esta temática. Não se trata de um neófito que escreve sobre algo que lhe é distante. Trata-se, sim, de alguém que tem uma enorme experiência profissional fortemente envolvida na construção de práticas pedagógicas do Movimento da Escola Moderna (MEM). Este perfil do autor, como é evidente, fornece à obra a qualidade que advém da íntima relação entre o conhecimento teórico e o conhecimento da prática. Por isso, a obra oferece-nos um conjunto de possibilidades para serem configuradas e desenvolvidas práticas pedagógicas que contribuam para melhores aprendizagens e para o desenvolvimento de competências de autonomia e autorresponsabilidade vividas em ambientes e climas escolares fortemente estimulantes e democráticos.

Na introdução ao livro, o autor, Rui Trindade, diz-nos que nele se «abordam e discutem as zonas

de luz e de sombra dos discursos (...) das pedagogias da aprendizagem» (p. 11). De facto, a leitura desta obra permite-nos compreender a importância de processos de mediação pedagógica que, na educação escolar, possam dar centralidade à ação dos alunos como estudantes e aprendizes no exercício de uma vida positivamente vivida em cidadania. Convocando ideias de autores que marcaram o «Movimento da Escola Nova» em Portugal, Rui Trindade constrói um discurso pedagógico que dá sentido a uma escola e a uma ação educativa capazes de promover ambientes mais humanos e geradores de melhores aprendizagens. Neste sentido, a obra permite-nos, por um lado, aceder às ideias pedagógico-didáticas de autores que tiveram impacto no modo de se pensar a educação escolar e a ação dos professores e de alunos no ato de ensino-aprendizagem e de formação pessoal e social. Por outro lado, a leitura do texto suscita-nos reflexões capazes de gerarem intervenções profissionais mais educacionais.

O primeiro capítulo deste livro, focado na «recusa do paradigma do instruir» para dar lugar à afirmação do paradigma do aprender», convoca autores como Férrière (1934), redator da carta de princípios da *Ligue Internationale pour l'Éducation Nouvelle*, e introduz-nos num conjunto de ideias capazes de transformar a escola de orientação tradicional. Alguns dos exemplos que o autor apresenta alertam-nos para os efeitos e a inadequação das práticas escolares baseadas na humilhação e no castigo.

Nesta oposição a práticas rotuladas como tradicionais, e que tinham como objetivo único apenas instruir, temos ainda oportunidade de aceder a ideias

de Dewey, Claparède (1959), Montessori (1958), Decroly (1965), Dottrens (1974), Cousinet (1959), Freinet (1973), Vasquez e Oury (1977), entre outros. Para a apresentação dessas ideias, Rui Trindade recorre a cinco categorias de análise que marcam um dos grandes interesses da leitura deste livro. Essas categorias são: finalidades da educação escolar; estatuto do saber escolar; estatuto dos alunos; estatuto dos professores; questões relacionadas com a metodologia do trabalho pedagógico-didático. Como se depreende, estas cinco categorias de análise são, por si só, indiciadoras de que a leitura deste capítulo transportará cada leitor/a para um conjunto de ideias que o/a faça repensar a sua prática pedagógica e as possibilidades de a melhorar.

Sendo o livro constituído por dois capítulos (e as conclusões), o segundo capítulo foca um conjunto de questões relacionadas com as práticas pedagógicas do Movimento da Escola Nova. A leitura do texto que configura esta parte do livro torna claro que a intenção não é rejeitar a escola, tal como o defenderam alguns, mas, sim, o contrário: rejeitar práticas pedagógicas que tenham como limite uma formação meramente focada na lógica da instrução e da normatividade metodológica e que, por isso, ignoram quer a diversidade de situações e de estilos de inteligência, quer a importância de conceber os alunos como construtores das suas aprendizagens e como corresponsáveis pelos seus projetos de formação e de vida. Neste sentido, Rui Trindade apresenta-nos, neste capítulo, um texto organizado em torno de três temáticas principais:

- os alunos como centro de gravidade dos projetos de educação escolar e os desafios pedagógicos que isso implica;
- os programas de estudo na sua relação com as pedagogias da aprendizagem;
- situações e importância da rutura da normatividade metodológica e da inevitabilidade da mediação pedagógica, nomeadamente nos

sentidos que assume no âmbito das pedagogias da aprendizagem.

É a partir destas três temáticas que o autor estabelece linhas de força para definir, entre outros aspetos, desafios no campo das pedagogias da aprendizagem. Estes têm papel relevante para o desenvolvimento do paradigma do «aprender», distinto do paradigma do «instruir», ideias de Freinet (1973; 1974), Vasquez e Oury (1977). De acordo com estas ideias quem ler o texto terá oportunidade de aceder ou aprofundar conhecimentos que, entre outros aspetos, distinguem: o conceito de criança do conceito de adulto (a criança não é concebida como um adulto em miniatura); o *interesse* e a *necessidade* enquanto conceitos distintos, que, como muitos sabemos, são de enorme importância no modo como influenciam a organização dos processos de ensino e de aprendizagem e o sucesso nas aprendizagens. Aliás, Rui Trindade dá relevo a esta importância, nomeadamente apresentando-nos um plano anual de trabalho para o 1º ano de escolaridade baseado nestes dois conceitos (necessidades e interesses).

Ainda sobre este aspeto, Rui Trindade traz-nos, pela mão de Bartolomeis (1984), a ideia de que a distinção entre interesses e necessidades nos permite reconhecer os professores como construtores de projetos, isto é, aquilo que alguns de nós têm vindo a propor como reconhecimento dos professores como construtores de um currículo e como profissionais que se recusam, e recorrendo às palavras do autor, a «deixar as crianças prisioneiras dos seus interesses intrínsecos» (p. 109). Esta ideia, numa escola que tem como objetivo ser para todos, com todos e a todos proporcionar condições de sucesso escolar, é de uma importância crucial.

Ainda neste capítulo, outro aspeto que mereceu a minha atenção é a afirmação da importância e estatuto do conhecimento psicológico no âmbito das pedagogias da aprendizagem. Sobre isto, o

autor mostra-nos como este conhecimento contribuiu para aquilo que Correia considerou o «1º momento forte da construção da cientificidade em educação» (cit. in Trindade, 2012: 116).

A relação entre quem aprende e o saber escolar é outro aspeto que Rui Trindade desenvolve e que, na minha perspetiva, nos induz a reflexões que não podem deixar de inquietar os defensores da escola do passado e dos que não questionam os princípios de uma educação que exclui e que seleciona apenas alguns para terem sucesso escolar. Na argumentação sobre estes aspetos são, no texto de Rui Trindade, marcantes, entre outras, as ideias de Dewey (1963, 1966), que levam a questionar:

- «Como é possível ocorrer o contato ou o confronto entre um mundo pessoal (...) e o vasto mundo impessoal dos saberes que a humanidade foi construindo ao longo do tempo?» (p. 180)
- «Qual é o papel e o significado dos assuntos-matéria na sua relação com a experiência pessoal das crianças?» (p. 182)
- «Como é que os alunos poderão beneficiar do património cultural disponível de forma a que potencie a apreciação do presente e contribua para alargar e complexificar a sua abordagem por parte das crianças?» (p. 182).

Nesta defesa dos ideais e de ideias do Movimento da Escola Nova, Rui Trindade não deixa, no entanto, de convocar críticas ao que alguns designam por pedagogismo do movimento. A questão epistemológica dos programas escolares constitui também um aspeto a que Rui Trindade dá atenção para desenvolver uma debilidade que impediu, e recorro às suas palavras, «uma reflexão mais produtiva e serena sobre esta problemática» (p. 196) e que tomou evidente que «não é a criança que é o centro das atenções mas, sim, a relação que esta estabelece com o saber» (*ibidem*). Esta é uma questão que ainda hoje é perce-

cionada, por muitos, como o foco das propostas de metodologias que valorizam a aprendizagem, o que revela alguma ignorância sobre o assunto.

Sobre este aspeto, vale também a pena ler o livro pois a sua leitura suscita reflexões que induzem ideias para uma ação pedagógica e para um exercício docente em que o ensino tem como meta promover a aprendizagem de todos e a formação por todos partilhada. E o autor fá-lo não ignorando as áreas curriculares que integram os planos de estudo nem a questão da transposição didática, isto é, não ignora o modo como se responde às questões: o que ensinar? Como ensinar?

Por isso, Chevallard, entre outros, está também presente nesta obra, nomeadamente por questões relacionadas com a «textualização do saber» (cit. in Trindade, 2012: 278).

Subordinado ao título «Da normatividade metodológica à inevitabilidade da mediação pedagógica», Rui Trindade aborda os sentido(s) dos processo(s) de mediação pedagógica e das práticas com eles relacionadas. Para isso, convoca, entre outros aspetos, o conceito de «educação negativa», características da racionalidade do tipo empirista e a questão do «método» entendida como algo estritamente de ordem técnica. Em alternativa, apresenta-nos uma sistematização da relação entre instrumentos e função das técnicas Freinet (1973, 1974, 1976), organizadas pelas categorias de *comunicação*, *gestão do tempo* e *gestão das aprendizagens*, aspeto que, como atrás referi, nos permite pensar em modos de ação profissional docente.

No domínio da mediação pedagógica, Rui Trindade foca de novo as áreas curriculares disciplinares num texto cuja leitura, estou certa, permitirá delinear práticas pedagógico-didáticas que tenham em atenção o «como fazer» sem se cair na mera racionalidade técnica. Também sobre este aspeto, o autor não ignora o contributo da leitura crítica dos discursos pedagógicos produzidos, neste caso, por Bruner (2000), entre outros.

Concluindo, trata-se de uma obra que constitui um bom contributo didático para todos aqueles e aquelas que queiram promover um ensino e uma formação contextualizada e democrática, isto é, que tenha em consideração, na forma como se organizam e concretizam as práticas pedagógicas, os alunos, nas suas singularidades e especificidades, os conteúdos a ensinar e a aprender e as características e recursos locais onde ocorre a formação e se desenvolve esse currículo.

Carlinda Leite

CIIE – Centro de Investigação
e Intervenção Educativas, FPCEUP

Referências bibliográficas

- Bartolomeis, Francesco (1984). *Introdução à didáctica da escola activa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bruner, Jerome (2000). *Cultura da educação*. Lisboa: Edições 70.
- Claparède, Edouard (1959). *A escola sob medida*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, SA.
- Cousinet, Roger (1945). *Une méthode de travail libre par groupes*. Paris: Les Éditions du Cerf.
- Cousinet, Roger (1959). *Pédagogie de l'apprentissage*. Paris: PUF.
- Cousinet, Roger (1978). *A educação nova*. Lisboa: Moraes Editores.
- Decroly, Ovide (1965). *La fonction de globalisation et l'enseignement*. Bruxelas: Éditions Desoer.
- Dewey, John (1963). *Experience and education*. Nova Iorque: Macmillan Publishing Company.
- Dewey, John (1966). *Democracy and education*. Nova Iorque: Macmillan Publishing Company.
- Dottrens, Robert (1974). *Educar e instruir I*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Ferrière, Adolfe (1934). *A escola activa*. Porto: Editora Educação Nacional.
- Freinet Celestin (1973). *Para uma escola do povo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet Celestin (1974). *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Freinet Celestin (1976). *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Montessori, Maria (1958). *Pédagogie scientifique: La découverte de l'enfant*. Paris: Desclée de Brouwer.
- Vasquez, Aida, & Oury, Fernand (1977). *Da classe cooperativa à pedagogia institucional I*. Lisboa: Editorial Estampa.